

VINTE E TRÊS

Clara pede carona e Xavier concorda em dar-lhe, antes de saber para onde ela iria. Mas, mesmo com a menina ao seu lado, o detetive pensa em Maria Teresa e naquele editor. Ela, de vestido no meio das pernas e de alças, cabelos mais curtos e negros que o normal, maquiagem forte, corpo bem delimitado para alguém que não é exatamente nova. O outro sujeito, o tal de Juarez, parece do tipo que finge estar feliz 100% do tempo. Um falso simpático. Transforma-se em seu amigo de infância nas primeiras duas palavras. Parece um solitário que barganha por atenção de outras pessoas.

Clara pergunta por que ele estava tão silencioso. Xavier responde que não havia problema algum. Ela insiste, quer saber, argumenta que, pela primeira vez que eles se encontram, ele não está mascando chiclete. Ele tenta fugir da questão e devolve perguntando onde é que ela mora. A menina argumenta que só conta para onde vai se ele disser o que está passando pela sua cabeça. Ele a olha espantado. Estão parados num sinal. “Tá bom, o que eu sinto por essa menina não é normal”, admite para si. Sua cabeça começa a pegar fogo como um adolescente. Passa a manga da camisa na testa para limpar o suor que desce mais que o normal. O sinal abre, os dois continuam silenciosos.

- Sanguessugas.

Clara vira o rosto na sua direção.

- Maria Teresa só pensa em tirar proveito da morte do filho. A maneira como Maria Teresa trata a situação, transformando o filho numa celebridade póstuma, só para poder tirar vantagem, me enoja. Ela tem todo o direito de não concordar com o rumo das investigações, pode contratar um advogado, lançar livro, fazer o caralho a quatro, mas aposto que ela nunca tinha dado atenção a Otávio antes do suicídio. Mesmo sabendo que ele gostaria de ser escritor.

Ela sorri.

- Por que você está rindo? É para mim ou de mim?

Ela responde que ele não parecia um policial, não desses que encontramos nas ruas, de quem descobrimos histórias macabras.

- Não sou um policial que fica nas ruas combatendo as “desordens urbanas”, mas um investigador, que tenta descobrir a verdade sobre os fatos – diz quase com orgulho de si mesmo, apesar de saber que não era nada verdade.

Clara ri novamente.

- Pouquíssimos casos são desvendados.

- O problema é estrutural. São várias razões que fazem chegar a esse nosso resultado.

- Às vezes você me lembra o Otávio.

Ele inclina a cabeça e quase grita: “eu?”. Na verdade, faz outra pergunta:

- Como assim?

- Otávio tinha esse mesmo pensamento sobre a mãe. Nunca, por isso, havia pedido uma ajuda. E se sentia humilhado quando ela depositava o dinheiro para ele passar o mês. Não é que ele não gostasse dela, ele já havia passado da época de odiá-la, mas agora ele apenas era incapaz de contra-argumentar. Sentia-se acuado, sob pressão, sem expectativa.

- Então, onde é que nós dois nos parecemos?

- Não sei ao certo, mas vocês dois possuem uma paixão que não foi contaminada. Otávio só perdeu essa esperança no fim, quando nada mais importava.

- Eu escolhi ser policial porque queria ajudar os outros. Mas não, não era só isso, também estava ansioso pela investigação, pelas descobertas, por montar o cenário do crime peça a peça.

Xavier sabia que não estava construindo para ela uma imagem verdadeira. O passado é individual e intransferível. Quem o viveu, relembra de um modo que nunca poderá ser materializado ou mesmo verbalizado. A intenção era criar esse passado o mais fiel possível, para que a verdade emergisse. Mas depois desses muitos anos na corporação, o detetive está cansado.

- Vira aqui à direita - ela interrompe o seu raciocínio. Depois que o detetive dobra a esquina, Clara explica que morava naquela rua. Ele sorri para ela.

- Você trapaceou. Estávamos sempre no caminho certo e você não falou nada, como tinha prometido - Ela ri e responde:

- É aqui, a menina aponta – o detetive para o carro e olha para o prédio.